



O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA LITERATURA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA AFROCENTRADA

Adrielly da Silva Gomes ¹

Antonio Henrique Coutelo de Moraes ²

RESUMO

Este artigo se refere a um projeto criado para o Programa Residência Pedagógica, para ser trabalhado com estudantes do Ensino Médio. Essa característica faz deste trabalho, portanto, um relato de experiência. A prática do projeto esteve pautada no ensino de Literatura e Língua Portuguesa a partir de uma perspectiva antirracista, tendo como base teórico-metodológica a arma da teoria, o dialogismo e a interdisciplinaridade, para que a assim pudesse ser posta em prática uma pedagogia capaz de emancipar subjetividades. A emancipação das subjetividades ocorreria a partir de uma pedagogia capaz de romper com as formas de colonialidade e subjugação do pensamento e do conhecimento. Ademais, a teoria da interdisciplinaridade está pautada na necessidade das disciplinas não apenas se tocarem, mas realizarem modificações sociais. Além disso, o projeto foi pensado como mediação para combater as diversas formas de racismo: estrutural, religioso, recreativo, não deixando de lado conteúdos presentes na BNCC, mas sem deixar de lado a vivência cotidiana de cada estudante, fazendo-os ver a escola como parte de suas vidas e não como algo descolado das suas realidades. Os principais resultados para essa pesquisa consistem na conscientização dos estudantes acerca das religiões de matrizes africanas, no conhecimento da presença de mulheres e homens negros na Literatura Brasileira, da compreensão de que a bagagem que cada estudante carrega precisa estar na sala de aula.

Palavras-chave: Educação Antirracista, Língua Portuguesa, Literatura.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se refere a um projeto criado para o Programa Residência Pedagógica e que foi aplicado em uma escola pública da cidade do Recife, no estado de Pernambuco, localizado na região Nordeste do país. O projeto visava uma educação por meio de uma perspectiva afrocentrada, levando em consideração, também, os conteúdos necessários para o cumprimento do ano letivo, mas para além disso, buscando ampliar a percepção dos estudantes e criar senso crítico.

O processo foi pensado a partir da perspectiva de pensamento de que existe um racismo estrutural, que é disseminado historicamente a partir dos discursos, das ações diárias e que pode

¹ Graduada em Letras – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Linguagem – Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, bolsista CAPES adriellygomes2951@gmail.com;

² Antonio Henrique Coutelo de Moraes: Professor do curso de Letras – Língua e Literaturas de Língua Inglesa – Universidade Federal de Rondonópolis – UFR; Professor do PPG em Ciências da Linguagem – Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP; Professor do PPG em Estudos de Linguagem – Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT, antonio.moraes@ufr.edu.br.



ser fortalecido se não for levado para discussão, se não for colocado diante dos estudantes para que eles entendam que há algo a ser combatido. Isso corrobora com o que o teórico Sílvio Almeida resalta na obra *Racismo Estrutural* (2019), que o racismo não disseminado e causado apenas de um indivíduo para o outro, mas de um grupo sobre o outro, negando direitos básicos ao grupo subjugado.

Ademais, educar a partir de uma perspectiva afrocentrada é gerar consciência racial e combater o racismo recreativo, que ocorre nas escolas, nas mídias, nas novelas, nos filmes que utiliza o corpo negro como alvo de piadas e mina a autoestima dos indivíduos. Adilson Moreira (2019), na obra *Racismo recreativo*, explicita como as pessoas usam tom de brincadeira para produzir o racismo, gerando apelidos e, no que se refere ao campo televisivo, muitas vezes há a criação de personagens caricatos em situações de risco ou “cômica” para gerar e fortalecer determinado estereótipos sobre a população negra.

Outrossim, o ideia de gerar uma educação reflexiva acerca das questões raciais também está centrada nas teorias de Paulo Freire e Amílcar Cabral, o primeiro visava uma educação a partir do dialogismo, o segundo pensava numa pedagogia que pudesse blindar as mentes contra o epistemicídio gerado pelo colonialismo. Freire bebeu de Fonte de Amílcar Cabral e visava, tanto quanto o autor africano, corroborar para uma educação anti-colonialista. E foi neste aspecto que este projeto seguiu, entretanto, partindo de uma perspectiva de não negação aos conhecimentos já gerados na escola, mas buscando ampliar e possibilitar novas perspectivas e chances de aprendizagem diversa.

A Língua Portuguesa e a Literatura foram ensinadas com foco no debate, na ampliação dos conceitos, na inserção de autores e autoras negras em aulas que, muitas vezes, não se falavam desses indivíduos e desses corpos, e novas perspectivas histórias e teóricas. Dessa forma, é possível compreender um grau de interdisciplinaridade, que foi buscado a partir da perspectiva de Félix Guattari (1992), no texto *As bases teóricas da interdisciplinaridade*, aqui o autor afirmava a necessidade de pesquisas que levassem em consideração os indivíduos minorizados; além de defender uma interdisciplinaridade não capaz de fazer disciplinas se tocarem, mas capazes de se imbricarem de tal forma que pudessem gerar novos conhecimentos.

Os frutos pela prática deste projeto foram colhidos de maneira bem imediata, levando os estudantes a demonstrarem novas aprendizagens, novas perspectivas, entendendo que muitos daqueles alunos também tinham como contribuir. A pesquisa causou interesse e fez com que meninas negras e meninos negros se sentissem representados em diversos momentos, entendendo que suas existências e vivências são bem-vindas em sala de aula e que podem ajudar para a ampliação de epistemologias.

METODOLOGIA

Os materiais coletados para a realização deste trabalho está centrado no projeto o qual foi pensado para o Residência Pedagógica e posto em prática num prazo de seis meses em turmas do Ensino Médio. Para a prática do projeto foram utilizados livros, revistas em quadrinhos, sites de elaboração de slides interativos, datashow e, em parte, o google meet, visto que parte do projeto foi realizado de maneira remota e a outra parte foi realizada de maneira presencial. Além disso, recorreremos ao Portal de Periódicos da Capes e o Scielo, além do Goole Academic para a busca de artigos científicos a fim de ampliar a fundamentação teórica, bem como buscamos livros físicos os quais tratavam do tema proposto para que pudesse haver uma base teórica bem encorpada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Aníbal Quijano (2005) explica que antes do processo de Conquista das Américas não havia, ainda, a ideia de raça. A partir do colonialismo europeu nas américas e no continente africano, foram criados termos coloniais como “índio” e “negro” para hegeimonizar povos que antes eram pluriversais. Após alguns anos esses termos foram disseminados para todo o globo, junto com o sistema capitalista global implementado pelos povos colonizadores, e esse tipo de classificação reducionista e hegemônica passou a caracterizar a pirâmide social de humanização. Dessa forma, quanto mais negro o indivíduo era, mais desumanizado seria e quanto mais branco, mais tratado como humano iria ser.

Com o passar do tempo, o colonizador passa a impor a sua cultura, as suas religiões, as suas epistemes como se fossem as únicas a serem seguidas, demonizando todas as outras, como se a língua, a vivência e os saberes dos outros povos não fossem importantes ou coerentes. A partir deste processo, ocorre o que Abdias Nascimento (2019) descreve quando se refere à sociedade brasileira: os povos negros são sequestrados para as colônias, povos diversos e com línguas distintas para não terem capacidade de comunicação, suas mentes são solapadas, e são obrigados a deixar suas culturas para trás.

Neste processo de massacre, os povos sequestrados são obrigados a viverem numa sociedade que não imprimem a eles humanidade e direitos básicos, nem mesmo o direito de estudar e ler, sobrando apenas a oralidade, essa que Nascimento (2019) explicará que foi o único meio possível de pessoas pretas fazerem as suas literaturas. A partir da oralidade, os

povos massacrados conseguiram deixar vivas as suas culturas, as suas relambranças e suas religiões demonizadas pelos povos opressores, que tentavam a todo custo apagar as suas memórias.

É importante mencionar que, segundo Quijano (2005), o povo colonizador faz com que ao longo do tempo, o processo de racialização, que é permanente parece a-histórico, normalizando esses processos colonizadores. Assim, a partir da normalização, a sociedade pensará que é um processo que sempre existiu, que não pode ser questionado, que é um fenômeno que faz parte da sociedade e que não pode ser revertido. Isso fundamenta e potencializa esse processo que foi imposto e criado a partir do processo de colonialidade que, de acordo com o autor, está ligado diretamente ao processo de modernidade, de modo que um não existe sem o outro.

Outrossim, ao falar sobre colonialismo, e entendo que, segundo Quijano (2005) ele é um processo permanente, é importante mencionar indivíduos que desejaram implementar uma postura e uma pedagogia que pudesse ser resistência contra os processos de dominação. Um exemplo é Amílcar Cabral que pensou na *Arma da Teoria* como mecanismo importante para inibir o colonialismo, o estudioso entendia que uma pedagogia que pudesse blindar as consciências do povo contra a colonização seria necessária. Amílcar Cabral entendia que para o colonizador ter sucesso em sua dominação, ele precisava impor a sua cultura, caso contrário o povo não se descolaria das suas realidades e epistemes e negaria tudo o que o colonizador impusesse.

Aém disso, Abdias Nascimento (2019) explica que ao longo dos anos as academias, e podemos ampliar também para outras instituições, têm cumprido um papel de manter o processo de racismo na sociedade. Trazendo esta perspectiva para a realidade próxima, podemos questionar o porquê de precisar haver uma lei para que a história africana e afro-brasileira precise ser ensinada nas escolas. De todo modo, questionar este processo e essa necessidade é se esforçar para pensar que se não existisse o racismo estrutural como cada um dos teóricos citados evidenciam, a lei não seria necessária. Dessa forma, este projeto faz parte de um questionamento necessário e busca inibir um mal de séculos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Félix Guattari (1992) afirmava a necessidade de todos os indivíduos terem acesso à pesquisa, o autor dizia que isso deveria estar incluída na Declaração Direitos Humanos, além disso, o autor defendia a importância de uma interdisciplinaridade que não deixasse de lado o

potencial de gerar novos conhecimentos. A partir das afirmações pode-se dizer que este projeto buscou gerar novos conhecimentos e levar os estudantes ao interesse de pesquisar questões que não chegavam, muitas vezes, em sala de aula sem deixar de lado as questões necessárias para a Língua Portuguesa e para a Literatura.

Levando em consideração a necessidade de estudar novos vocábulos, foi levada para a sala de aula uma história em quadrinho intitulada *Contos dos Orixás*, desenvolvida pelo baiano Hugo Canuto, que contava as histórias dos orixás como se os deuses fossem heróis da Marvel. Essa mediação da aprendizagem foi pensada por dois motivos: inibir a intolerância religiosa e aproximar o debate de elementos que se aproximavam dos estudantes, os heróis da Marvel, ao passo que os novos vocabulários eram ensinados em sala de aula. Ainda, a leitura era fomentada e partir dela foi trabalhado o discurso de intolerância religiosa como um processo legitimação do racismo estrutural.

Em outro momento, foi estudado em sala de aula, ainda para a aula de Língua Portuguesa, os Modalizadores Discursivos, conteúdo necessário para a aprendizagem durante o ano letivo. A partir do ensino dos modalizadores, os quais servem para articular os discursos, defender um ponto de vista, gerando articulação entre as ideias para levar à argumentação, foi mostrado para os estudantes textos da mídia sobre intolerância religiosa. A partir disso, os estudantes puderam observar como os indivíduos articulavam seus discursos para convencer e até justificar discursos preconceituosos e de senso comum. É importante mencionar, também, que Abdias Nascimento (2019), na obra *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista* afirma que após o processo de abolição, de maio de 1888, os povos negros escravizados foram jogados para a margem da sociedade sem nenhum suporte insitucional. Somado a isso, eles carregavam consigo séculos de demonização da sua raça, das suas religiões, dos seus traços, que ao longo dos anos, mesmo com a abolição, foram fortalecidos por parte da população que dominava economicamente o país.

Tais informações são necessárias para que se entenda que o processo de marginalização do povo negro não é apenas físico, mas também suas epistemes, culturas, credos, modos de ver a sociedade são marginalizados também. Por meio de discursos hegemônicos que formam a sociedade brasileira esses ideais são perpassados e o fato de precisarmos criar um projeto para levar esses conhecimentos críticos para a sala de aula, mostra que ele ainda prevalece em diversos aspectos. Ainda acerca dessa questão, foi levado para a sala de aula histórias de mulheres negras, as Candances que lutavam com o exercito contra forças invasoras no continente africano, histórias de rainhas e reis que viviam num continente africano pluriversal. Disseminar esses conhecimentos, a partir do estudo do discurso foi, também, questionar o

discurso da história dos povos negros se referirem apenas à escravidão. Sobre isso, Abdias Nascimento (2019) coloca que há um projeto na sociedade estruturalmente racista de solapar, ainda mais, a memória do povo negro fazendo com que esses não tenham conhecimento de sua história.

É importante pontuar, também, que a partir dos estudos sobre a língua, foram levadas para os estudantes informações sobre os estudos linguísticos a partir dos negros, fundamentado a partir de Nascimento (2019), esses conhecimentos foram importantes para adentrar nos conteúdos para o ensino de literatura. Abdias Nascimento ressalta que, durante muito tempo, a oralidade era a única forma de literatura a qual os povos africanos poderiam ter acesso, visto que não lhes eram permitido ter acesso a escrita e leitura. Apesar das questões que remetiam ao massacre colonial, a literatura oral é muito importante para a população preta, pois era a partir da oralidade que eles realizavam as suas transações comerciais e até educavam os jovens nas aldeias. Nascimento (2019) pontuará que essas atividades a partir da oralidade eram designadas para os *griots* que eram considerados os senhores das palavras e eram, também, conselheiros dos reis. Dessa forma, ainda que o povo colonizador não possibilitasse aos povos negros o acesso a sua escrita, mais que impusesse a sua fala, eles conseguiram manter vivas as tradições.

Para o ensino de Literatura, no momento em que foi preciso lecionar sobre a Terceira Geração do Romantismo, não foi negada a importância de Castro Alves para este momento da literatura, entretanto, também foi mencionado o nome de Maria Firmina dos Reis, que já falava sobre a abolição e a situação no negro no país. Para aprofundamento do tema, foi realizada, também, uma análise comparada de um trecho da obra *Navio Negreiro*, de Castro Alves e a música *Todo camburão tem um pouco de navio negreiro*, de O Rappa. Com a provocação os estudantes, que já conheciam a música, conseguiram realizar uma interpretação do poema de Alves, levando discussões históricas e até contando experiências próprias enquanto jovens negros e moradores de periferia. Com isso, também se sentiram à vontade para citar outros cantores e outras músicas que costumavam ouvir, chegando a citar o Racionais MC's e o cantor Djonga. O ponto importante desta aula, além da interdisciplinaridade, que já foi mencionada, foi considerar a bagagem dos estudantes, seus conhecimentos, gostos e levar pessoas negras na sala de aula, que contribuíram e contribuem tanto quanto os homens brancos citados pela literatura.

Levar Maria Firmina dos Reis para dentro da sala de aula é proporcionar uma ampliação do conhecimento. Segundo Nascimento (2019), há muitas obras literárias que colocam as mulheres negras em uma situação de objetificação corroborando com um imaginário social de hipersexualização. Dessa maneira, levar uma autora negra para a classe foi tirá-la deste lugar



criado pelo colonizador, e colocá-la num papel de direito, mulher negra, intelectual, que não serve a sexualização e objetificação, mas que deveria poder escolher o seu lugar. Além disso, respeitar a contribuição e a criação de conhecimentos de pessoas pretas, sejam os músicos citados pelos estudantes, a própria romancista citada, e até os reis e rainhas citadas pela história, é não servir ao processo de epistemicídio.

Segundo Anibal Quijano (2005), no texto *Colonialidade do poder*, o povo colonizador impõe aos povos colonizados a sua forma de ser, pensar, tornando as suas religiões, e seus saberes os únicos a serem seguidos. Esse tipo de ação realizado pelo povo invasor é uma forma de dominar de maneira mais eficaz os povos colonizados, desejando gerar uma morte de seus conhecimentos, sejam eles religiosos, culturais dentre outros, fazendo com haja um processo de epistemicídio. Além disso, Quijano (2005) explica que esse processo de colonialismo ele é um projeto permanente, ou seja, pode até ter começado com a Conquista das Américas, mas permanece até hoje em nossa sociedade.

Entender as evidências pesquisadas por Anibal Quijano é, também, compreender que tem algo a ser inibido na sociedade, que é este processo de colonialismo, que se deu, também, com um processo forçado de racialização, além de combater o epistemicídio. Todo esse processo que se deu na modernidade, também, deu origem ao racismo estrutural que foi criado a partir do racismo moderno. Por isso, criar este projeto e ensinar aos estudantes, se permitindo, também, aprender de maneira dialógica, é lutar contra este processo nefasto e mostrar que há alternativa fora do racismo estrutural. Mostrar novas perspectivas sobre a história dos povos negros é fazer com o que estudantes percebam que para nós, hoje, é contada uma história sobre dor, escravização e sofrimento; a história dos vencedores e dos vencidos, que aprofunda o processo de fortalecimento desse racismo em sociedade. Entretanto, ela não é a única, existem outras histórias que precisam ser descobertas, há novas formas de saberes que precisam ser levados em consideração e levado para a sala de aula, para que possa, também, serem disseminados na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo histórico que se desenrolou no Brasil com base no racismo moderno, configurou uma sociedade que exclui e subjuga pessoas negras de formas diversas. Não basta apenas inserir pessoas pretas nos espaços, mas é preciso configurar esses espaços para que possam corresponder à realidade desses indivíduos. Se um espaço é formado a partir de moldes coloniais e pessoas pretas fazem parte deles, nós estamos impedindo a essas pessoas a existência



em um espaço opressor, principalmente se estamos falando em um lugar de formação social e até subjetiva como a escola.

Inserir o negro na sociedade e nas instituições é, também, inserir as suas epistemes e possibilitar uma aprendizagem ampla, crítica e de formação de consciência. Formar a consciência, é formar cidadãos para questionar o que está posto e entender o que é necessário mudar no corpo social. Ademais, este processo precisa ser realizado a partir de uma educação interdisciplinar para que se possa entender que o conhecimento não cabe em caixas e quanto mais o universalizamos, mais conseguimos formar consciências capazes de realizar analogias e questionar opressões normalizadas.

Dizer que o processo de colonialismo é permanente por ser um projeto, é enxergar que mesmo depois da abolição de 1888 ainda continuamos lutando por uma equidade que é negada. E, por isso, é importante propor para a escola desfazer certos saberes para construir novos, que não parta de uma perspectiva a-histórica da opressão de raça na sociedade e que possibilite plantar novas sementes a serem regadas para a existência de uma mudança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

DE ALMEIDA MORAES, Raquel; MONIZ, Lino Vaz. Amílcar Cabral e Paulo Freire na Era da Tecnologia Digital. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 5, n. 10, p. 108-124, 2013.

GUATTARI, Félix. Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v.1, 108, p. 19-26, jan-mar, 1992.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma Militância Pan-Africanista. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLASCO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.